

# Arte-ciência, relição indispensável para o século XXI

Edgard de Assis Carvalho\*

---

## Resumo

Arte e ciência como caminhos complementares para reencantar a educação do futuro. Usando exemplos da história da arte, este artigo fundamenta-se na relição dos conhecimentos culturais e nos pressupostos do pensamento complexo.

**Palavras-chave:** arte; ciência; complexidade.

## Abstract

Art and science as complementary ways to re-enchant the education of the future. Using examples from history of art, this article is based on the reconnection of cultural knowledges and on the assumptions of complex thinking.

**Keywords:** art; science; complexity.

---

Uma vez perguntaram ao consagrado poeta Yves Bonnefoy porque a poesia deveria voltar a ser ensinada nas escolas. Sua resposta foi direta e incisiva. Para Bonnefoy, a poesia propicia a prática da liberdade para com as palavras e a vivência da responsabilidade para com os destinos comuns da nossa Terra-Pátria. A poesia, a literatura, assim como o conjunto de todas as artes criam uma fantástica reserva de emoções, abrem janelas para o mundo, acionam níveis de realidade não percebidos pela linguagem fria e distante de conceitos, teorias, métodos.

Quando se aprende um poema de cor, quando se lê um romance pela décima vez, ou se guarda a imagem de uma pintura, eles permanecem para sempre em nossa mente, como fiéis companheiros que nos convidam a encarar a desregulação do mundo de modo menos pessimista, a perceber a realidade de forma menos linear, a descer nos ditames da razão, a usufruir das delícias do imaginário, a adentrar nos labirintos da sabedoria.

\* Professor Titular de Antropologia. Coordenador do Complexus – Núcleo de Estudos da Complexidade da Faculdade de Ciências Sociais da PUC-SP.  
E-mail: [edgardcarvalho@terra.com.br](mailto:edgardcarvalho@terra.com.br)

Essa escuta do mundo é algo prioritário para a formação do sujeito ético. Ela alerta, também, para o fato de que ciência e imaginação não se excluem, mas se complementam, empenhadas que estão na decifração dos enigmas da vida.

Toda vez que pensadores instauradores de discursividade utilizaram-se da forma metafórica da arte para aclarar a conteúdo sombrio e metonímico da ciência, os saberes culturais se enriqueceram, a educação viu-se mais gratificada. Vejamos cinco momentos escolhidos ao acaso na vasta história do pensamento em que isso ocorreu.

Claude Lévi-Strauss, em 1962, munuiu-se de um pequeno quadro de François Clouet do século XVI (1515-1572), *Elisabeth da Áustria*, para construir a ideia de modelo reduzido como elemento propiciador da emoção estética e da visibilidade dialógica entre a parte e o todo, arte e ciência, jogo e rito. Com isso, desfez as separações e diferenças de natureza e grau entre arte, magia, mito e ciência. Implosão de fronteiras, emergência de novas cosmovisões. Até hoje, no Museu do Louvre, podemos rever *Elisabeth da Áustria*, admirarmo-nos com a força que emana da suavidade de seu olhar, da delicadeza de suas roupas, refletirmos sobre o caráter estético da vida.

Humberto Maturana e Francisco Varela abrem seu fabuloso livro, *A Árvore do conhecimento*, com Hieronimus Bosch (1450-1516), *O cristo coroado de espinhos*. Para Maturana e Varela, o quadro expressa as tentações da certeza. Cristo, no centro, revela imensa paciência diante dos verdugos, coisa que precisamos muito diante da vigilância cognitiva que nos ataca constantemente. O personagem do canto direito da tela segura Jesus pelo manto. Restringe sua liberdade, parece dizer eu sei, eu sei. Certezas demais, convicções demais.

Edgar Morin refere-se com certa frequência a Guiseppe Archimboldo (1527-1593). Quando tomamos contato com suas pinturas, surpreendemo-nos com o caráter alegórico da harmonia e do caos, a interdependência dos quatro elementos, das estações do ano, a complementaridade de flores, frutos e peixes, as agruras e o peso da acumulação dos saberes. *O Livreiro*, quadro muito comentado pelos críticos de arte, expressa a embriaguês simbólica provocada pela leitura de livros, como se fôssemos inundados pelo conhecimento. Seus cabelos, olhos, nariz, orelha, boca são feitos de livros. A cortina que se encontra a seu lado o protege das intempéries do frio. Um pouco de todos nós estamos contidos nas imagens

desse *Livreiro*, que acumula e religa saberes sem saber ao certo o que fazer com eles, como operacionalizá-los. Precisamos de muitas cortinas para nos defendermos dos malefícios da fragmentação e da barbárie do pensamento.

Ilya Prigogine, prêmio nobel de química de 1977, debruçou-se recentemente sobre René Magritte (1898-1967). Para Prigogine, Magritte enfatiza sempre os mistérios da existência humana, insistindo que a obra de arte os explicita e a ciência pretende apenas decifrá-los e analisá-los. Se a história humana possui sempre um caráter não determinista, porque imersa no caos da vida, devemos sempre privilegiar as experiências da criatividade, esse algo mais que resiste aos comandos da razão fechada e às regulações das experiências da repetição, prosaicas, equilibradas demais. O quadro *A arte de viver* expressa exatamente isso: a luminosidade da criatividade e a singeleza da repetição. Debatermo-nos, nem sempre com sucesso, entre essas duas dimensões existenciais e irreversíveis, pulsões constitutivas do ser-no-mundo, como se a ordem nascesse sempre da desordem, a reorganização do caos, a vida da morte e assim sucessivamente.

Fernando Diniz (1918-1999) foi preso e levado para o manicômio judiciário, em 1946, porque, segundo dizem, andava nu pelas areias de Copacabana. Em 1949, foi internado no Centro Psiquiátrico D. Pedro II de onde não saiu nunca mais. Iniciou-se nos ateliês de artes coordenados por Nise da Silveira. Desdenhada pelo dispositivo psiquiátrico cartesiano, a doutora percebeu que de seus clientes poderia brotar uma criatividade sem precedentes.

Com cães e gatos atuando como co-terapeutas, selas abertas, minimização medicamentosa, produziu algo novo no campo da arte, do conhecimento, do imaginário. A Doutora Nise, como era carinhosamente chamada, sabia muito bem que seus gatos e cachorros sofreriam muito nos frios corredores do hospital Pedro II, localizado no subúrbio do Engendo de Dentro. Foram envenenados, nunca se soube exatamente por quem. Talvez por isso, até os dias finais de sua vida em 1999, Nise manteve alguns deles como fiéis companheiros em seu apartamento no bairro do Flamengo, rua Marquês de Abrantes, Rio de Janeiro, local em que realizava as famosas reuniões das quintas-feiras.

Foi presa pela ditadura de Getúlio Vargas em 1936. Tornou-se musa de Graciliano Ramos e aparece grandiosa em diversas passagens

de *Memórias do Cárcere*. Foi tema de peças de teatro com atuações fantásticas de Rubens Correia e Berta Zemel. Anti-relativista na pele e na alma, desentendeu-se com antropólogos que insistiam em defender o caráter cultural da farra do boi em Santa Catarina, chegando mesmo a fazer um ato público em defesa dos animais no extinto *Circo Voador*, na Lapa carioca.

A ditadura militar instalada no Brasil a partir de 1964 não viu com bons olhos suas impertinências. Cortou verbas, desestimulou programas. Mesmo diante de condições adversas, sua energia psíquica nunca se arrefeceu, sempre guiada por intuições transdisciplinares. Colocou tintas, pincéis, barro, tecidos, linhas nas mãos de seus clientes Artur Bispo do Rosário, Adelina, Carlos, Raphael, Emygdio, Fernando, entre outros. Com isso, permitindo que “inumeráveis estados do ser” afluíram, mesmo diante das tristes consequências provocadas por sessões de eletrochoques, abandonos familiares, afetos partidos, insignificância ampliada. O acervo do Museu das Imagens do Inconsciente, fundado em 1952, é o exemplo vivo dessa tentativa de articular arte e ciência.

Fernando produziu não apenas tapetes digitais e mandalas, mas um amplo conjunto de imagens figurativas, abstratas, orgânicas, inorgânicas. Trinta mil obras: telas, desenhos, modelagens, tapetes, alguns titulados outros não. “Mudei para o mundo das imagens”, ele reiterou, quando perguntado sobre o sentido e o significado da pintura. Por isso, “o pintor é feito um livro que não tem fim”.

Artista, ele afirmou, é quase um milagre. Já nasceu artista, gosta de se apresentar, mostrar a beleza. Por isso “a estrela existe antes de tudo, em cima da estrela se desenham círculos, e em cima dos círculos borboletas ou margaridas”, como se estivéssemos na presença de espirais intercaladas e interdependentes.

Em 1996, foi premiado no Festival de Gramado na categoria de melhor curta metragem de animação com *A estrela de oito pontas*, para o qual realizou cerca de 40 mil desenhos. Não esteve presente à premiação. Realizou sua última exposição em 1998, no Museu Nacional de Belas Artes, Rio de Janeiro. Anônimo e desconhecido, faleceu em 1999 de cardiopatia e câncer.

Esses cinco exemplos demonstram que a transversalidade dos saberes é capaz de produzir um caleidoscópio de imagens de forte apelo instaurativo. Exercício pleno da razão aberta, é abertura, emergência,

reorganização, transcendência. É ela que comandará a educação do futuro por intermédio de novas formas de entendimento do sistema-mundo fundadas na co-responsabilidade, na esperança planetária, na eco-alfabetização, na complexidade fundada na dialógica da ordem, da desordem, da organização. É possível que as gerações do futuro se empenhem nisso, na qualidade de continuadoras de um longo processo civilizatório cujo fim permanecerá sempre indeterminado, ramificado, aleatório, utópico, universal.